



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

A AGATOLOGIA COMO NORTE DE LEITURA DO *FILEBO*

MARIA APARECIDA DOS ANJOS CARVALHO¹

Resumo: O presente artigo pretende inventariar algumas das leituras operadas por estudiosos, acerca do *Filebo* de Platão, e sustenta que o sentido maior do diálogo não pode perder de vista a agatologia, proposta por Sócrates, já no início da discussão, quando ele estabelece a busca do que seja a vida boa, como objeto da questão disputada com Protarco.

Palavras-chave: Platão. prazer. conhecimento.

THE AGATOLOGY AS THE KEY LECTURE OF PLATO'S *PHILEBUS*

Abstract: This article aims to review some of the lectures that have been made by scholars, concerning Plato's *Philebus*, and claim that the major meaning of the dialogue can not disconsider the agathology, that is proposed by Socrates, at the very begining of the discussion, when he suggests the search of what is the good life, as the object of the disputed question with Protarco.

Keywords: Plato. pleasure. knowlegde.

1. Doutoranda em Filosofia pela PUC-SP. E-mail: anjos1970@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O *Filebo* tem sido considerado um dos diálogos mais desafiadores de Platão, desnortando os estudiosos no que tange à sua destrincha. Quer-nos parecer, no entanto – e, de forma alguma, com isso, pretende-se negar as dificuldades, de fato, inerentes à sua interpretação – que não é possível destituir a agatologia, intrínseca ao diálogo, como uma forte chave de leitura, apta a lhe conferir um sentido defensável.

O propósito, assim, deste artigo, é trazer algumas das leituras que os estudiosos de Platão operaram quanto ao diálogo, de forma a tentar extrair um denominador comum que possa nortear o enfrentamento da densa floresta de conceitos e de propostas metodológicas que Platão nos descortina no *Filebo*.

OS COMENTADORES: POSIÇÕES QUE PRESTIGIAM A PROCURA PELO BEM

Marcelo Perine, em sua obra, *Platão não estava doente* (p.162), assevera:

Ora, o *Filebo* pode ser lido como uma “estrutura de socorro” para as questões sobre o Bem que ficaram sem conclusão, na *República*, na medida em que também aqui, Platão se recusa a definir o Bem, embora vá muito além do que foi na *República*. (...)Antes de tudo, a questão da vida boa, que é o tema do *Filebo*, é julgada à luz da ideia do Bem, do mesmo modo que a escolha da vida mista é feita a partir das características de completude, suficiência, superioridade e desiderabilidade do bem.

Nessa linha de argumentação, seguem outros importantes estudiosos da obra platônica. Giovanni Reale (1997, p. 330) por exemplo, lembra que Porfírio – filósofo expoente do Neoplatonismo – estabelece conexão estreita entre as lições de Platão *Sobre o Bem*, com o diálogo *Filebo*. Reale ainda ressalta a conexão do *Filebo* com as chamadas doutrinas não-escritas de Platão, onde o conceito de Ideias-número é descortinado na própria estrutura geral da realidade – fato que é, igualmente, explorado por Francisco Bravo, tal como será exposto mais adiante.

Em linhas gerais, será a interconexão entre os quatro gêneros – o ilimitado, o limite, o misto e a causa – a responsável pela formatação do real, que deve ser entendido como uma estrutura inteligível, que tem seguimento na estrutura sensível. Assim, “humano” é uma ideia geral indivisível, portanto, é um Uno. O seu caminho até a multiplicidade dos homens empíricos envolve as ideias intermediárias das diversas qualidades possíveis dos homens: homem temperante/homem intemperante, homem de caráter/homem sem caráter, etc., até que sejam contempladas, idealmente, todas as possibilidades de qualidades que envolvem o humano. Nessa fronteira, é que será possível passar aos inumeráveis homens

empíricos, que não sendo redutíveis a um único modelo, serão do gênero *ápeiron* sensível. Essa estrutura diairética da realidade irá se repetir com cada conceito, inclusive, com o prazer e o conhecimento.

Uma análise similar é levada a efeito por Francisco Bravo, em um artigo publicado na obra *Estudos Platônicos*, organizada por Marcelo Perine (p. 167-192) – *Ontologia y Ética en el Filebo de Platon* - oferecendo um roteiro bastante satisfatório para a leitura do diálogo, alinhando esta estrutura diairética do real com a questão agatológica, para a qual o diálogo aponta.

Com efeito, logo no início da discussão com Protarco (Pl. *Phil.* 11d), Sócrates oferece a diretriz que será perseguida para conduzir a argumentação: qual a disposição da alma necessária para conduzir o homem à vida feliz? Ou seja, o *télos* da discussão está posto: Sócrates pretende conduzir seu raciocínio para este endereço, razão pela qual vale-se de uma analogia em 61b: “se alguém, procurando um homem, se informasse logo sobre o lugar certo em que ele mora, teria dado um grande passo para encontrá-lo.”²

Ao longo do diálogo, Sócrates irá, por via da análise das duas teses em contraposição – o prazer e o conhecimento – depurar suas manifestações, seus tipos, suas espécies, a fim de examinar qual das duas seria mais adequada para conduzir o homem a uma vida feliz. Para fazer isso, Sócrates vai proceder, então, a uma perquirição de caráter henológico e mereológico. Onde começam estas questões e por qual motivo elas são importantes?

Ora, a discussão acontece por conta da defesa incondicional que Filebo faz do prazer como o maior bem que o homem pode experimentar, mal valendo a pena estabelecer, quanto a isso, algum exame ou discussão.

Independentemente das especulações quanto ao fato de o *Filebo* poder ser uma *dramatis personae* de Eudoxo, o próprio nome do personagem com o qual Sócrates, teoricamente, estaria dialogando já remete a *cansaço* e *exaurimento* – algo que poderia ser uma metáfora do esgotamento das forças físicas e um enfraquecimento das potências intelectuais, pela falta de temperança. Filebo, então, pouco disposto ao exame racional dos argumentos, delega a tarefa de representá-lo a Protarco, com o qual, desde logo, Sócrates estabelece que irão buscar, durante o exame, aquilo que mais se aproxima da vida boa.

Na sequência, Sócrates atribui ao prazer uma natureza complexa, posto que, se aparentemente é um conceito uno, há, na prática, uma multiplicidade de formas dele, algumas até opostas entre si. Assim é que, o prazer do moderado é a temperança, o prazer de quem pensa é o pensar, assim como o prazer do tolo está em suas tolas expectativas (Pl. *Phil.* 12d).

2. Tradução de Fernando Muniz.

Em consonância com Francisco Bravo (2009, p. 167-192), Sócrates inicia a trajetória rumo ao estabelecimento de uma ontologia geral do uno-múltiplo, exibindo os perfis de uma *henologia*, ou seja, o estudo das hênades, ou unidades. O prazer é um conceito uno, portanto, uma hênade, mas sob o seu guarda-chuva abrigam-se formas múltiplas e até opostas. Em um conceito desta natureza, não chega a ser muito complicado entender como se caracteriza como uno e múltiplo, ao mesmo tempo, já que o prazer é sempre um vir a ser, um devir, portanto, vazio de ser. O prazer, após experimentado, perece, e volta a demandar nova busca, multiplicando-se em repetições e novos objetos. Mas esta relação uno-múltiplo é, na verdade, aplicável a todos os conceitos universais, mesmo àqueles do tipo homem, boi, belo. Por quê?

Pela própria estrutura diairética da realidade, não se passa do uno diretamente ao múltiplo. Há conceitos intermediários que lançariam a ponte sobre o abismo entre um e outro, porque o uno é o absolutamente indeterminado. Francisco Bravo assevera, por conta disso, que, em Platão, não haveria, na verdade, uma ontologia, mas uma henologia. E qual seria a diferença entre uma e outra? Na ontologia, o uno está absorvido no ente, ou seja, há uma imanência do conceito universal, no particular concreto. Na henologia, o Uno é a origem do real e se manifesta em pares de opostos: identidade/ diferença, semelhança/dessemelhança, unidade/multiplicidade. O ser é manifestação da mescla do Uno e do múltiplo, e dele deriva por um processo que envolve a mistura do ilimitado com o limite. A causa dessa mistura é o *noûs* ou a inteligência. Portanto, nessa mistura, cuja causa é a inteligência, está pressuposta a medida, a proporção e a beleza.

Entre a hênade (uno genérico) e o múltiplo, existiriam, então, as mônadas – uma unidade menor, em relação à unidade primária. Assim, no exemplo acima, o humano temperante/humano intemperante seriam mônadas, que não mantêm uma relação de identidade com a sua hênade, mas de inclusão. Pelo princípio da comunidade dos gêneros, as mônadas podem participar de suas hênades sem perder sua própria identidade, de forma que, de patamar em patamar, há a configuração de uma mereologia – ou seja, da relação Uno-Todo – onde, igualmente, não se põe o problema da perda da identidade das partes, já que a comunicação ontológica entre os elementos gera a necessidade epistêmica de vê-los como um todo (BRAVO, 2009, p.181).

A comunidade dos gêneros, que enseja o ser, surge na relação ilimitado/ limite, desvelando o equilíbrio e a harmonia na natureza, tais como a saúde, as estações do ano e os sons harmônicos – motivo pelo qual sua causa é a inteligência.

No domínio do agatológico, é a comunicação entre os gêneros prazer e sabedoria que será responsável pela formatação do Bem, desde que tal comunicação

se faça com as classes mais verdadeiras dos prazeres e dos conhecimentos, quais sejam, aqueles que são mais inspirados pela medida, pela proporção e pela beleza.

Portanto, a questão dos prazeres falsos levantada, no *Filebo*, para que possa ser abordada de uma forma conveniente, não pode perder de vista o *télos* posto por Sócrates, desde o início do diálogo. Na metáfora da alma-livro – na qual um escritor escreve, na alma, um discurso que justifica uma crença, em que algo aparece como prazeroso, para, logo em seguida, um pintor fazer surgir o cenário em que aquela crença se apresenta como uma fruição antecipada do prazer – a atribuição do valor V ou F será possível, não tanto diante da realização ou não do evento esperado, tal como parece assumir Fernando Muniz, em seu artigo *Os prazeres falsos do Filebo* (2009, p.34), mas, em última instância se estiver ou não em consonância com a conclusão proveniente da argumentação que responde ao que é a vida boa. Prazeres misturados, que levam à experiência posterior de dor, são falsos. Prazeres que prestigiam as faculdades superiores do humano – e que são classificados de puros, porquanto são de uma natureza menos contingente, menos sensível – tais como o pensamento, a inteligência, a fruição dos prazeres estéticos, são aqueles que mais se assemelham à vida boa, portanto, são verdadeiros. Até porque são menos propensos a ensejar dor, porquanto se afastam da natureza do vir a ser.

A falsidade ou veracidade da proposição, advinda da crença interior naquilo que seria prazeroso, não poderia estar dissociada do *télos* de natureza ética, consubstanciado na argumentação que indiciou o que seja a vida boa, já que a proposta de Platão estaria exatamente voltada para a educação dos desejos, a fim de que a alma não se disperse na multiplicidade dos eventos contingentes, como se estes fossem condição suficiente para levar alguém a experimentar uma vida feliz.

No mesmo sentido, parece apontar Jairo Escobar Moncada, no artigo *Placer e conocimiento en el Filebo* (2009, p. 206)³, igualmente, publicado na obra, já citada, *Estudios Platônicos*, organizada por Marcelo Perine. Cito o autor:

Em todo o caso, ao pensar esta trama {a dinâmica anímica entre memória, desejo, imagens e proposições}, para compreender sua estrutura, Platão considera que a vida boa é possível e que pensar seus elementos é um elemento essencial da vida boa e feliz. Deixar de pensá-la, negar-se a ver como desejos e opiniões contribuem para configurá-la, significaria abandonar nossas vidas ao acaso, ao capricho das circunstâncias externas, ou ao automatismo de comportamentos e formas de pensar e sentir, adquiridas acriticamente. Certamente todos esses fatores têm um papel na vida humana, e ainda que não possamos gozar da autonomia dos deuses, podemos ver que nossos desejos, opiniões e crenças não são dados da natureza, e que podemos – e talvez devamos – atuar de modo que eles contribuam a configurar nossa existência, da melhor maneira possível, se for o caso, modificando-os.

3. Tradução nossa.

Não por outra razão, Sócrates vale-se da analogia, quando lembra o engano que alguém pode sofrer, ao olhar um evento que se passa ao longe (Pl. *Phil.* 38c); a conclusão é bastante clara: a imaginação de uma cena que, supostamente, seria fonte de prazer é como um olhar à distância, onde não se vê perfeitamente os contornos dos elementos. Um prazer sensível é sempre algo que demanda por renovação, é sempre um preenchimento transitivo. Portanto, em sua própria satisfação, estará embutida a dor que se lhe segue. Essa é a essência dos prazeres falsos: é falso porque promete o que não pode cumprir, por ser contingente e efêmero. Já os prazeres verdadeiros, aqueles que menos comércio mantêm com o sensível, com o contingente, com o vir a ser, são aqueles que mais aproximam a alma de uma vivência livre de dor, uma vez que encontram, em si mesmos, um solo que deixa “sequelas” positivas. Uma experiência estética pode se agregar ao ser daquele que fruiu, de forma marcante, a ponto de mudar suas coordenadas de vida, de fazer repensar seus anseios e desejos e, com isso, diminuir aquilo que o sujeito tenderia a chamar de dor ou de carência. Assim, os prazeres superiores educam a pulsão desejante do humano, que passa a escolher os prazeres que mais agregam para a consecução da via ascensional da alma.

A justa medida, a proporção – que são condições do misto – são também elementos do Belo. O Bem se refugia no belo desse equilíbrio (Pl. *Phil.* 64e), porque beleza, proporção e verdade compõem as suas condições de possibilidade: aqui estamos no pórtico da morada do Bem.

Nesse sentido, cito Hans-Georg Gadamer (2009, p. 122-123):

Assim como Aristóteles sabe que sua reflexão teórica, por ele designada como ética, deve servir à vida realmente vivida, também está claro para Platão e para o leitor do *Filebo* que o resultado desse diálogo, o ideal de uma vida justamente harmonizada é, enquanto tal, um *logos*, que aponta para um *ergon*: escolher o Justo, no momento da escolha.

CONCLUSÃO

Por todo o exposto, as diversas leituras apresentadas, neste artigo, não prestigiam tanto a perplexidade diante da suposta impossibilidade lógica de se afirmar que há prazeres falsos, na medida em que o norte de leitura estaria na argumentação quanto ao que caracteriza a vida boa; portanto, é nesta argumentação que está o paradigma que poderá fundamentar o julgamento quanto aos prazeres falsos e aos verdadeiros.

Assim sendo, as teses do *Filebo* poderiam assim ser resumidas:

1- O prazer é um conceito uno, mas que abarca uma multiplicidade de outros conceitos, não raro, opostos entre si. Por esta razão, é preciso adentrar um exame de caráter metodológico, para discernir todos os estratos de um conceito.

2- Do uno ao múltiplo, é preciso que sejam estabelecidos gêneros intermediários até que se possa inventariar numericamente a multiplicidade dos singulares.

3- Todos os gêneros intermediários estão incluídos na sua hênade, mas com ela, não se confundem (henologia).

4- Pelo principio da comunidade dos gêneros, pode-se afirmar a relação Uno-Todo, sem que haja qualquer conflito de identidade entre o Todo e suas partes (mereologia).

5- Todo o Universo está plasmado pela comunidade entre os gêneros ilimitado-limite, que formam o misto, que por sua vez, tem por causa, o *noús*, ou inteligência. No misto, está o maior indício de que a Inteligência criadora do Universo o pensou a partir da medida, da proporção e da beleza - razão pela qual o misto, na vida humana, seria o espelhamento da beleza do Cosmos.

6- O prazer isolado é da natureza do *ápeiron* – *do ilimitado*; o conhecimento é o gênero que lhe dá limite porque se ocupa com o verdadeiro.

7- Assim sendo, a medida, a proporção e a beleza (resultantes da comunidade dos gêneros ilimitado/limite) levam ao bem e ao belo – atributos que, em última instância, norteiam a vida boa, ou a agatologia, como causa final dentro do Universo e da vida humana.

REFERÊNCIAS

BRAVO, F. *Ontologia y ética en el Filebo de Platón*. In: PERINE, M. *Estudos Platônicos*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 167-192.

GADAMER, H.G. *A ideia do Bem entre Platão e Aristóteles*. Tradução de Tito Lívio Cruz Romão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

MONCADA, J.E. *Placer e conocimiento en el Filebo*. In: PERINE, M. *Estudos Platônicos*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 193-209.

MUNIZ, F. *Os prazeres falsos no Filebo de Platão*. *Anais de Filosofia Clássica*, v. 3 (2009), nº 5, p. 30-39.

PERINE, M. *Platão não estava doente*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PLATÃO. *Filebo*. Tradução de Fernando Muniz. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

REALE, G. *Por uma nova interpretação de Platão*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1997.